

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ESPORTE E COMPETIÇÃO

*Rosiane Silva Rocha*¹

*Tatiani A. Gonçalves Ribeiro*¹

*Douglas Aparecido. Dopp*²

¹ Graduada em Educação Física / Universidade Iguazu - Campus V - Itaperuna/RJ

² Coordenador do curso de Educação Física da Universidade Iguazu - Campus V - Itaperuna/RJ

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar a concepção dos alunos do nono ano do ensino fundamental da rede pública e privada sobre as práticas esportivas nas aulas de Educação Física e das competições internas e externas da escola, pois o espaço escolar está sendo invadido pelas ideias de competição criando uma visão esportivizada da Educação Física e a exacerbação da competição. A escola foi criada para dar educação básica a todos, mas os resultados demonstram que a escola tradicional acaba desenvolvendo práticas e valores que contribuem para acentuar as diferenças entre os alunos. A predominância da competição na escola leva a um campo de batalha, capaz de eliminar a diversão e a alegria de jogar, excluindo pessoas. Teve como amostra 28 alunos da rede pública e 28 alunos da rede privada de ensino do município de Santo Antônio de Pádua. Conclui-se a partir dos dados coletados que o esporte deve estar presente na escola, pois é conhecimento desta área, porém deve ser observado que a função da escola é a de formar cidadãos e não de formar atletas.

Palavras-chave: Educação; Educação Física escolar; Esporte; Competição;

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the concept of students in ninth grade of basic education in public and private practice on sports in physical education classes and competitions inside and outside of school because the school space is being invaded by ideas competition by creating a vision esportivizada Physical Education and exacerbation of the competition. The school was created to provide basic education to all, but the results show that the traditional school ends up developing practices and values that contribute to accentuate the differences among students. The dominance of the competition at school leads to the battlefield, able to eliminate the fun and joy of playing, other people. Had a sample size of 28 students from public and 28 students from private school in the city of St. Anthony of Padua. It is concluded from the data collected that the sport must be present in school, as is knowledge of this area, however it should be noted that the function of school is to educate citizens and not to train athletes.

Keywords: Education; School Physical Education, Sports, Competition.

1. Introdução

De acordo com Ciriaco *et al.* (2008) durante muito tempo a sociedade foi condicionada a viver constantemente em competição e quase sempre em busca das mesmas oportunidades e, com isso valores como união, amor, cooperação, paz, solidariedade e amizade vão sendo esquecidos, pois a sociedade é baseada no consumo e orientada para a produtividade. Cada vez mais o espaço escolar está sendo invadido pelas ideias de competição, pois a cobrança por vitórias e resultados na competição esportiva cria uma visão excessivamente esportivizada da Educação Física e a exacerbação da competição, criando uma dimensão competitiva desfavorável ao esporte construtivista (MOURÃO, 2004).

Segundo Brandl Neto e Alves (2008) a escola foi criada para dar educação básica a todos, mas acontece que a escola tradicional acaba desenvolvendo práticas e valores que contribuem para acentuar as diferenças entre os alunos. Considerando os problemas que a sociedade atual enfrenta como a violência, a falta de ética etc, observa-se que a escola/Educação Física é, por vezes, a responsável pelo incentivo à competição gerando conflitos entre os alunos. Essa competição acaba perpetuando uma concepção de que o aluno precisa saber competir para sobreviver às adversidades sociais, políticas e econômicas da vida lutando contra seus pares (CORREIA, 2007).

De acordo com Betti (1999) a escola assumiu o ensino do esporte como única estratégia e esta é uma constatação fácil de ser percebida nas instituições escolares independente de ter estruturas ou não para isso, pois o modelo educacional que atualmente as escolas trabalham valoriza a técnica, o rendimento, a padronização e o individualismo (BRANDL NETO e ALVES, 2008). A Educação Física tem no movimento tanto um meio quanto um fim para atingir seu objetivo educacional dentro do contexto escolar. Este movimento, no entanto, pode ser entendido como uma atividade que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica (BETTI, 1999).

A possibilidade do esporte ser utilizado como meio de educação está relacionada às concepções que o educador utiliza em suas aulas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1998) apontam para uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem na Educação Física que privilegie “o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos”. Dentro dessa perspectiva não se pode ter mais Educação Física na escola como uma disciplina que apenas se direcione para a execução de movimentos, onde a disciplina era sinônimo de esporte, limitando os alunos a aprender a realizar gestos técnicos específicos das modalidades esportivas selecionados pelo professor (BARROSO e DARIDO, 2006).

Conforme Barroso e Darido (2006) o PCN identifica como o seu eixo fundamental para a concepção e ação pedagógica da Educação Física escolar, o princípio da inclusão. Ao tratar da inclusão, evidencia-se que esta não se trata apenas da inclusão de portadores de necessidades especiais ou com problemas neurológicos, mas sim, da preocupação de todos estarem realmente inseridos no processo de aprendizagem. Fala-se da real participação de todos, desde os considerados mais habilidosos, passando pelos menos habilidosos, os gordinhos, magrinhos, altos, baixos, respeitando e tendo a consciência de que todos são diferentes, pois cada um possui sua individualidade. A responsabilidade dos professores de Educação Física escolar está em resgatar o princípio educativo do esporte, no qual deve planejar aulas que condizem com a realidade e necessidades sociais, para que possam contribuir para a formação de jovens como indivíduos e cidadãos (SILVA *et al.*, 2007). Segundo Brandl Neto e Alves (2008) as aulas de Educação Física que deveriam proporcionar um ambiente de socialização e cooperação acabam incentivando a competição e gerando insucesso e insegurança nos alunos menos habilidosos fazendo com que se sintam excluídos, tendo ainda problemas disciplinares e conflitos com outros alunos e regras da escola. A própria escola que deveria acolher e integrar a todos, tornou-se instrumento de seleção dos melhores.

Por sua origem militar, a Educação Física brasileira foi associada a uma imagem de disciplina e ordem, de formação de caráter, utilizando-se a ginástica e o esporte, como meios de controlar os indivíduos (LUCERO e LOVISOLO, 2005). Para Darido (2003), com a ascensão dos militares no governo brasileiro, a partir de 1964, o esporte é fortalecido nas aulas de Educação Física Escolar, tendo como principal meta a busca de resultados em competições internacionais. Esse era um período que a ideologia do governo estava pautada em um país que sonhava ser uma potência de nação, tornando importante alimentar um ambiente de desenvolvimento e ao mesmo tempo mascarar os problemas internos do país.

Segundo Barroso e Darido (2006), o esporte nesse período passou a ser tratado como sinônimo de Educação Física escolar, passando a ter grande rigidez na sua formalidade, com regras normatizadas,

controle exclusivo do professor para a resolução de problemas e direcionando-se para a necessidade de competição, passando a apresentar o rendimento como meta.

“Praticado pelo homem desde as mais remotas épocas, o esporte tem suas raízes etimológicas no francês *desport*, que os ingleses alteraram para *sport*”. O termo tinha conotação de prazer, divertimento, descanso. Apesar das várias nuances que o esporte assumiu ao longo do século as pessoas continuam fiéis ao seu sentido original e até hoje, para manifestar algum descompromisso, diz-se que fez alguma coisa por esporte (OLIVEIRA, 2004).

De acordo com Grupe (1984) a fórmula de que o esporte seria em produto da sociedade é relativamente vazia e imprecisa. Segundo o autor (*op. cit*) o esporte não é um mundo à parte, nem no todo nem em partes, muito menos um mundo perfeito e oposto ao do trabalho. Ele é visto como parte de um sistema social e cultural com estruturas adquiridas e muitas vezes também próprias.

Assim as características que reveste revelam que o processo educativo provocado pelo esporte reproduz as desigualdades sociais (COLETIVOS DE AUTORES, 1992). Conforme Both e Christofolletti (2001) o esporte acontece na escola da mesma forma que nos campos, pistas e quadras de qualquer lugar, sem ser esporte próprio da ou para a escola. Isso fez com que a Educação Física e o esporte fossem confundidos como a mesma coisa. O aluno é assumido como atleta e o professor como treinador, eliminando o próprio conceito do professor. De acordo com Correia (2007) a Educação Física vem sendo historicamente influenciada pelo esporte rendimento, além de incorporar com facilidade a competição como elemento fundamental de sua existência.

Conforme Barata *et al.* (1999) a sociedade se preocupava e valorizava excessivamente a competição, que era considerada normal e natural da sociedade humana transferindo-se para o “jogo da vida”. Ao discorrer sobre competição em seu estudo, Martini (2005) conclui que a competição ocorre quando duas ou mais pessoas desenvolvem ações independentes para atingir o mesmo objetivo que, só pode ser alcançado e desfrutado por uma das partes, ou seja, a vencedora.

A predominância da competição na escola leva a um verdadeiro campo de batalha, capaz de eliminar a diversão e a alegria de jogar, excluindo pessoas e produzindo cada vez mais perdedores do que vencedores, tornando-se espaço para tensão, derrota, frustração, fracasso, rejeição e ainda, a ilusão de ser melhor ou pior que alguém. A competição tem ainda o efeito de tornar as pessoas hostis em relação a outras que se tornam seus oponentes. O número de perdedores passa a ser maior que o de vencedores e a alegria destes, é menor que a frustração dos vencidos (BARATA *et al.*, 1999).

Huizinga (1993 *apud* MARTINI, 2005) define jogo da seguinte forma:

...jogo é uma atividade ou ocupação voluntária exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas obrigatórias, dotada de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

Como característica essencial, o jogo oferece um convite à ventura, ao prazer, ao divertimento e à infinitas possibilidades e descobertas. O jogo oferece ainda, como uma de suas características mais atraentes, o convite ao imprevisível, gerando um clima de incerteza em todo jogo que desencadeia a energia necessária para continuar jogando. Como o jogo é um convite ao imprevisível, não há garantias de que no jogo competitivo haverá efetivamente competição. A intervenção do professor é que vai influenciar diretamente no andamento do jogo, seja na importância atribuída a vitória, não forma como os conflitos são harmonizados, seja na estrutura em que se escolhe jogar (MARTINI, 2005).

De acordo com Grupe (1984) a importância que o esporte terá num mundo modificado, por ora, só pode ser determinada de forma provisória e imprecisa. A importância do esporte e do jogo dependerá das possibilidades intrínsecas. Segundo Both e Christofolletti (2001), “o esporte, muitas vezes, é apenas um produto vendável ou que serve para vender algo”, atingindo a massa e desenvolvendo-se no setor de publicidade graças aos efeitos de prestígio e elevação de *status* do atleta e da nação, ou seja, do sistema que representa, em função da performance esportiva (GRUPE, 1984), pois segundo Leite (2008), o Capitalismo impõe que as pessoas sempre estejam buscando a melhoria de sua situação financeira. O objetivo do presente estudo foi analisar a concepção dos alunos do nono ano do ensino fundamental da rede pública e privada sobre as práticas esportivas nas aulas de Educação Física e das competições internas e externas da escola

2. Metodologia

2.1. Amostra

A pesquisa contou com a participação de 62 alunos de duas escolas com idades entre 13 e 16 anos, estudantes do nono (9º) ano do ensino fundamental da cidade de Santo Antônio de Pádua município do estado do Rio de Janeiro, sendo 31 alunos do Colégio Estadual Almirante Barão de Teffé da rede pública de ensino e 21 alunos do Centro Educacional Professor Ruy Azevedo (CEPRA) da rede privada de ensino. As escolas foram escolhidas sem pretensões, apenas por se localizarem no centro da cidade devido à facilidade de acesso e por ser um centro comercial.

Como critério de exclusão, optou-se por descartar os questionários que, mesmo com as orientações passadas encontrou-se mais de uma alternativa marcada nas questões de número 14 e 15 chegando a um total de 28 participantes por escola, 56 alunos.

2.2. Procedimentos

Os questionários foram realizados em dois dias. Procurou-se um contato antecipado com a direção das escolas para expor as intenções da pesquisa bem como uma autorização das mesmas para que esta fosse realizada em sala de aula. Após esse contato, foi entregue aos alunos o termo de consentimento para que seus pais ou responsáveis pudessem assinar permitindo-os participar da pesquisa.

No dia seguinte, foi recolhido este termo e realizou-se a pesquisa com os alunos explicando os procedimentos de acordo com o protocolo adotado por Lucero e Lovisolo (2006). Conforme Lucero e Lovisolo (2006) foi adotado para o questionário da pesquisa, a escala de opinião elaborada por Rensis Likert (1932).

A escala Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada em questionários. Ao responderem o questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação. Utilizando apenas quatro itens (que é uma afirmação à qual o sujeito pesquisado responde através de um critério que pode ser objetivo ou subjetivo) força-se o sujeito pesquisado a uma escolha positiva ou negativa, uma vez que não existirá opção central. Assim sendo, os itens Likert foram: Concordo muito, Concordo, Concordo pouco e Discordo.

2.3. Análise Estatística

Para a leitura dos resultados foi feita a análise estatística descritiva dos dados.

3. Resultados

Como pode ser observado na figura 1 em relação à questão 2 do questionário, a maioria concorda que a Educação Física orienta sobre a forma correta de exercita-se fora da escola, sendo 85,71% dos respondentes estudantes da rede pública de ensino e 42,85% da escola privada. Pode-se observar também que o número de alunos que concordam pouco e discordam quase não existe na escola pública e esse número é bastante expressivo na escola privada (28,57% e 14,28%).

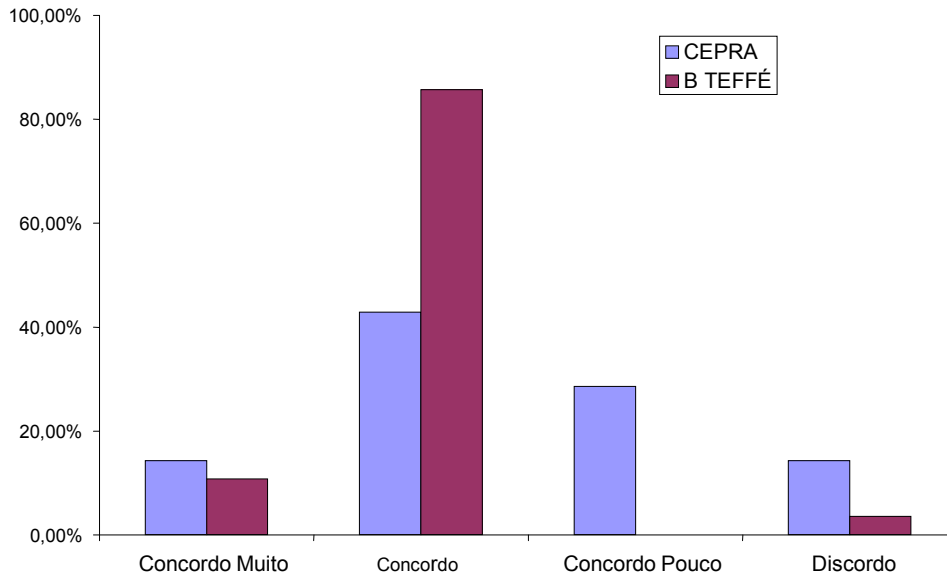


Figura 1 – Orientação sobre a forma correta de se exercitar fora da escola

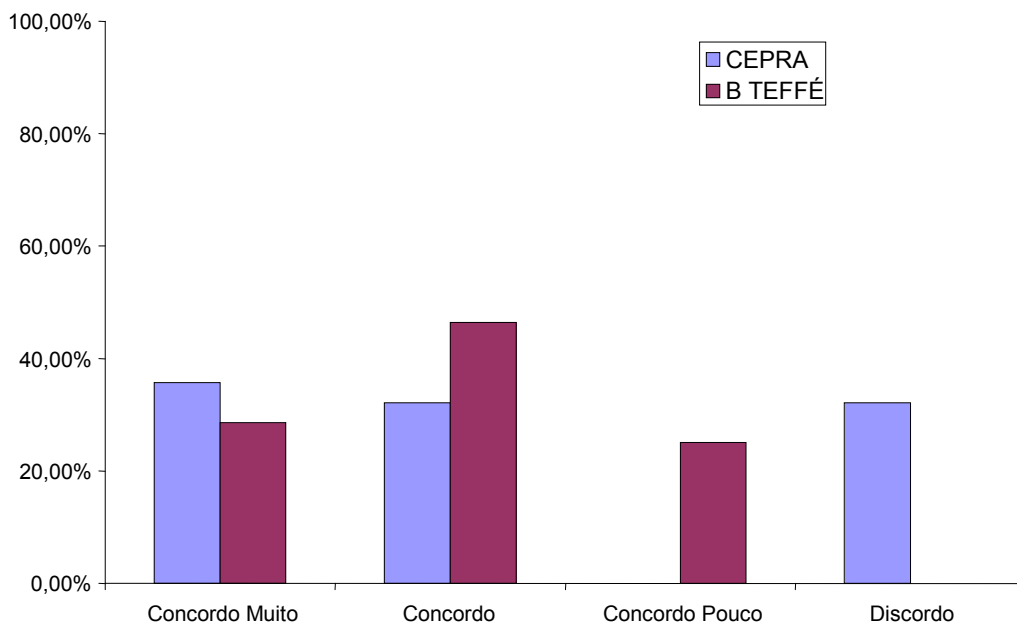


Figura 2 - Incentivo à prática permanente do exercício físico fora da escola

Os resultados tanto do Barão de Teffé quanto do CEPRA (figura 2) não se distanciam um do outro quanto à concordância com essa afirmativa (28,57% e 35,71% concordam muito, e 32,42% e 46,42% concordam respectivamente). Porém ao analisar o nível de discordância dos alunos das duas escolas percebe-se que 25% dos alunos do B. Teffé concordam pouco e 32,14% dos alunos do CEPRA discordam de tal afirmativa.

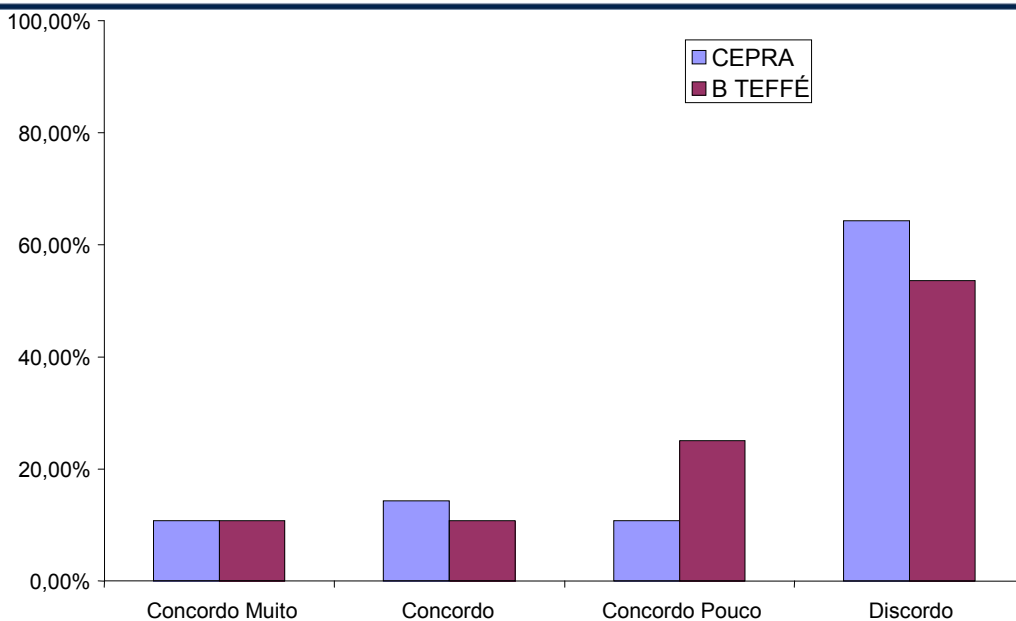


Gráfico 3 - Tratamento diferenciado durante as aulas de educação física

Pode-se perceber que os resultados apresentados na figura 3 são muito semelhantes quanto aos que concordam entre as duas escolas (14,28% e 10,71%) e existe uma diferença não muito acentuada entre a resposta das duas escolas quanto ao nível de discordância, sendo detectado o maior percentual no Barão de Teffê, 25% que concordam pouco e no CEPRA, 64,28% que discordam totalmente da afirmativa.

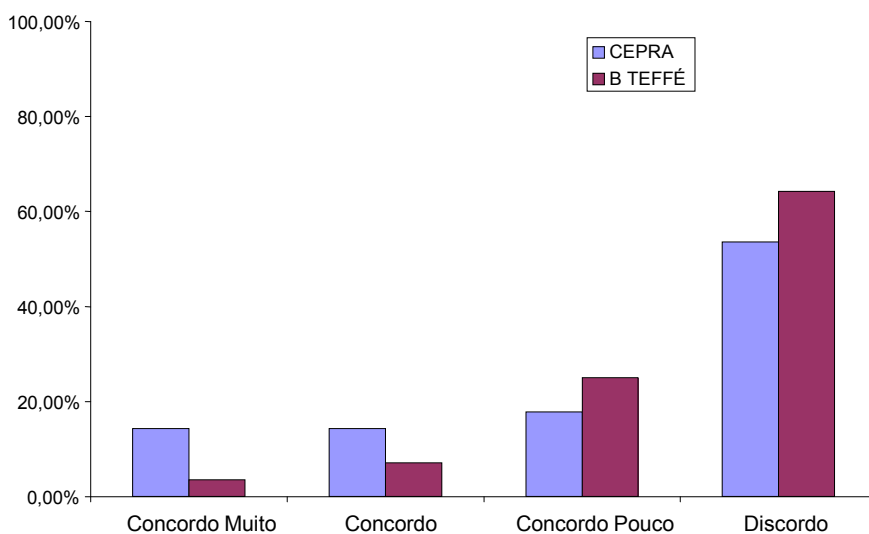


Figura 4 - Critérios de avaliação sobre a motivação para a aula de educação física

Os resultados obtidos nessa questão são muito desencontrados. Percebe-se que o número dos que concordam muito e concordam é maior no CEPRA (14,28%) se comparado ao do Barão de Teffê, mas esse resultado é igual se comparado a ela mesma e o nível de discordância é maior na escola pública representando um total de quase 90% das respostas (figura 4).

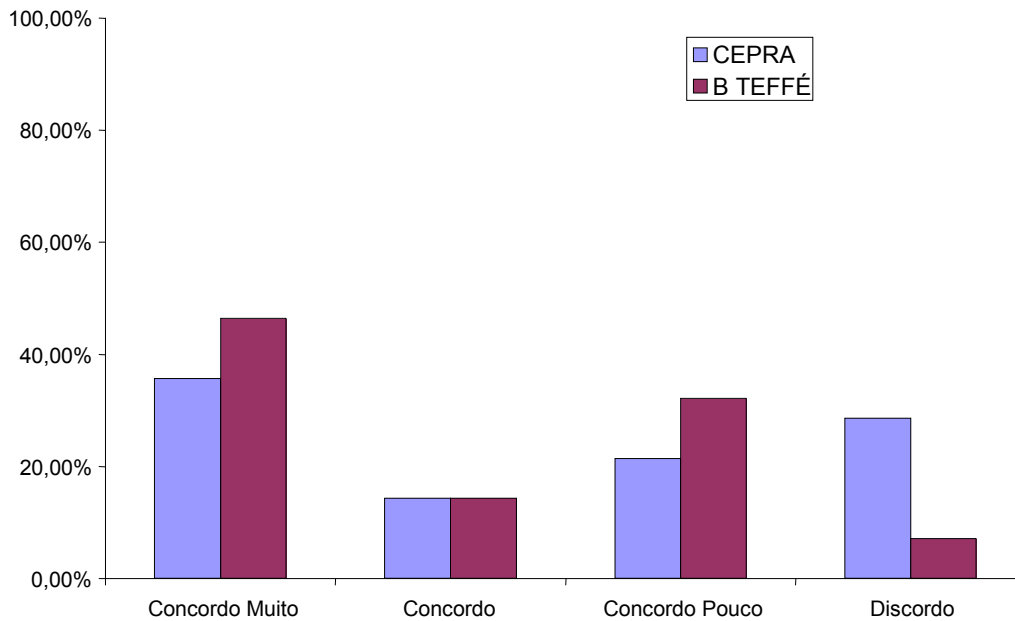


Figura 5 - Motivação para as aulas de educação física

Os resultados dessa questão mostram que os alunos da escola pública se sentem mais motivados para a aula de Educação Física do que os alunos da escola privada tendo uma porcentagem total de 50% no CEPRA e 60,7% no Barão de Teffé (figura 5).

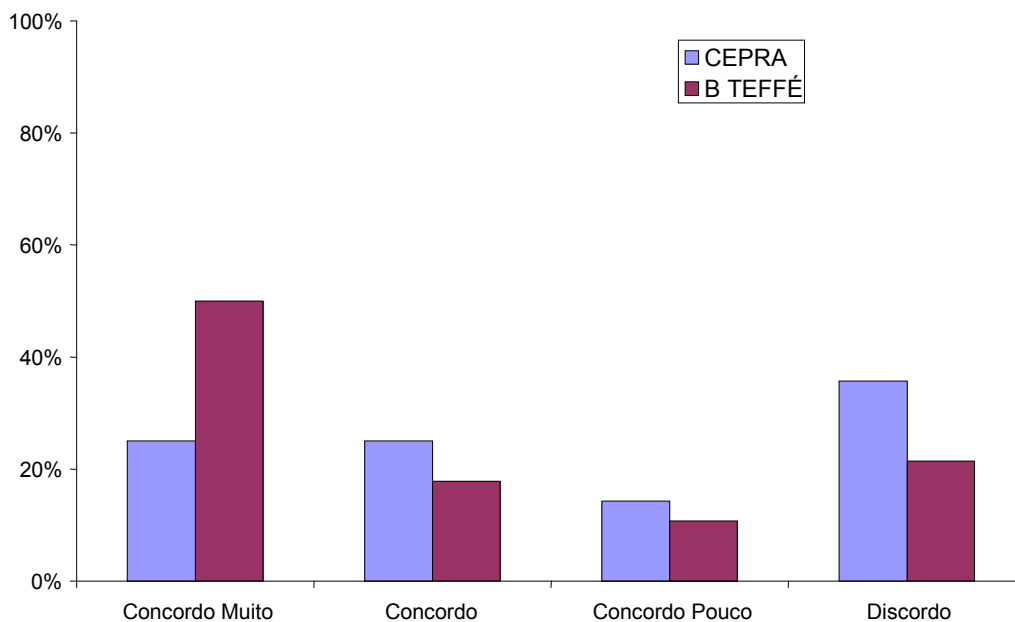


Figura 6 – Motivação para as competições internas da escola.

Conforme os dados da figura 6, 50% dos alunos do CEPRA e 60,85% do B. Teffé gostam das competições internas da escola, por outro lado, 50% dos alunos do CEPRA e 32,13% do Barão de Teffé não gostam de tais competições.

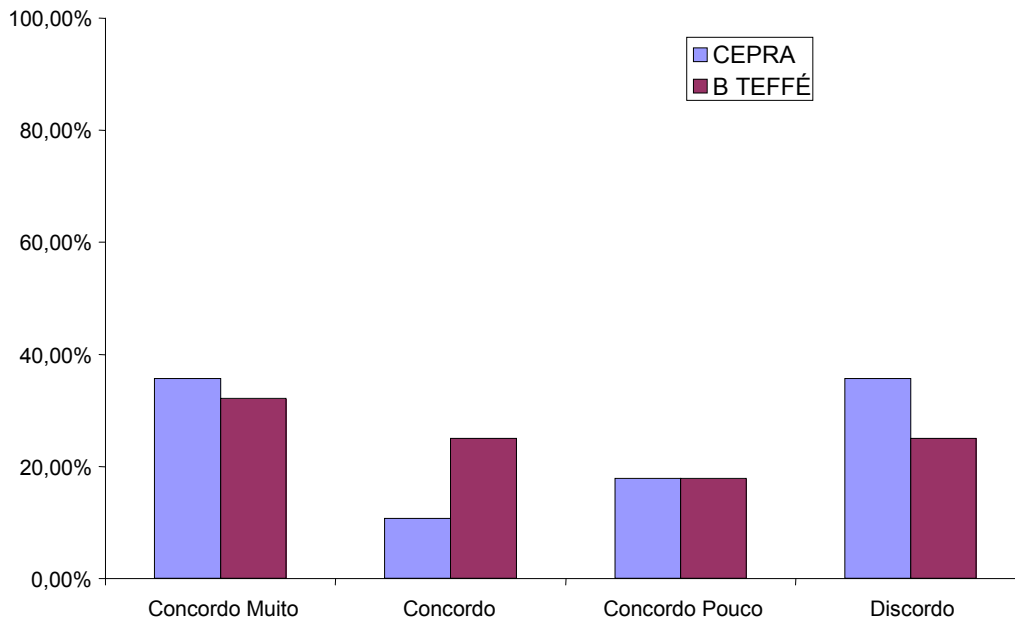


Figura 7 - Participação nas Olimpíadas Internas da escola

Pode-se perceber na figura 7 que os resultados aqui obtidos entre os que concordam muito das duas escolas são muito semelhantes (35,71% e 32,14%). Porém, no item concordo pouco os resultados se igualam (17,85%) e no item discordo existe uma diferença de 10% entre as escolas (35,17% e 25%).

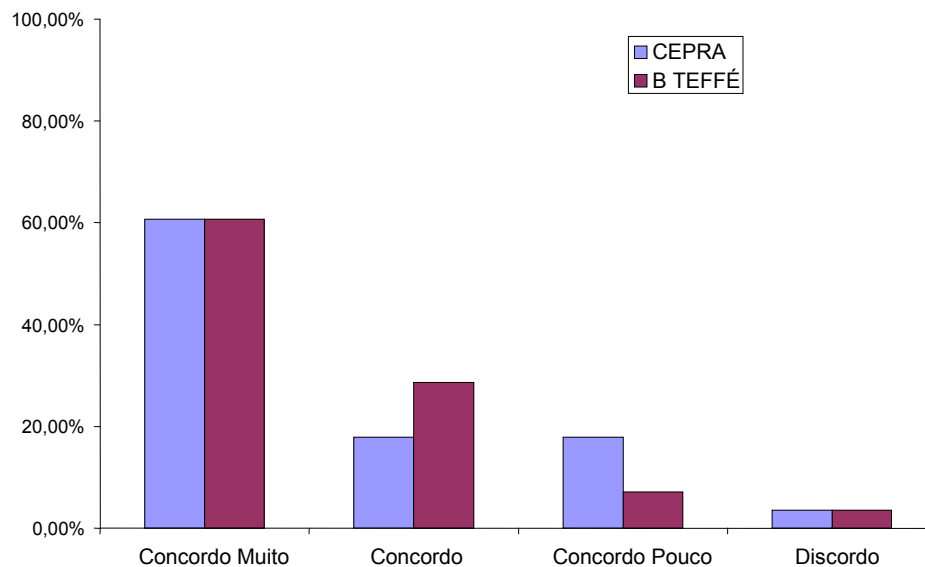


Figura 8 – Participação nas competições externas à escola

A figura 8 demonstra que os resultados são iguais entre as duas escolas nos itens concordo muito e discordo (60,71% e 3,57%, respectivamente). Isso mostra que os alunos acham importante a participação das escolas nessas competições. Já nos itens concordo e concordo pouco existe uma divergência, pois o número de alunos que concordam é maior na escola pública (28,57%) e o número de alunos que concordam pouco é maior na escola privada (17,85%).

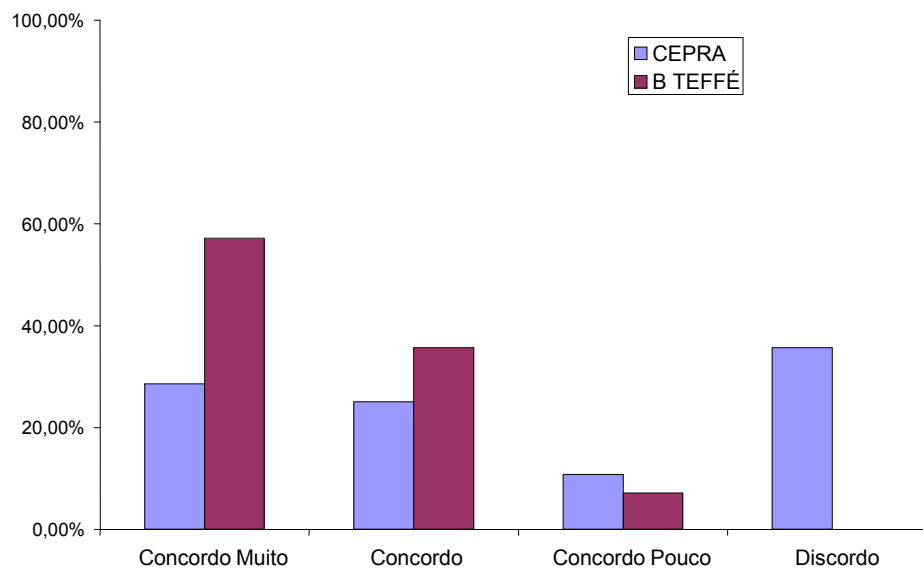


Figura 9 – Conseqüências motivacionais das vitórias das competições escolares sobre os alunos

Na figura 9, percebe-se que os alunos da escola pública se sentem totalmente vencedores quando as equipes esportivas da escola ganham mesmo que não estejam participando, mas quando observado o item discordo percebe-se que 35,21% dos alunos da escola particular não se sentem vencedores.

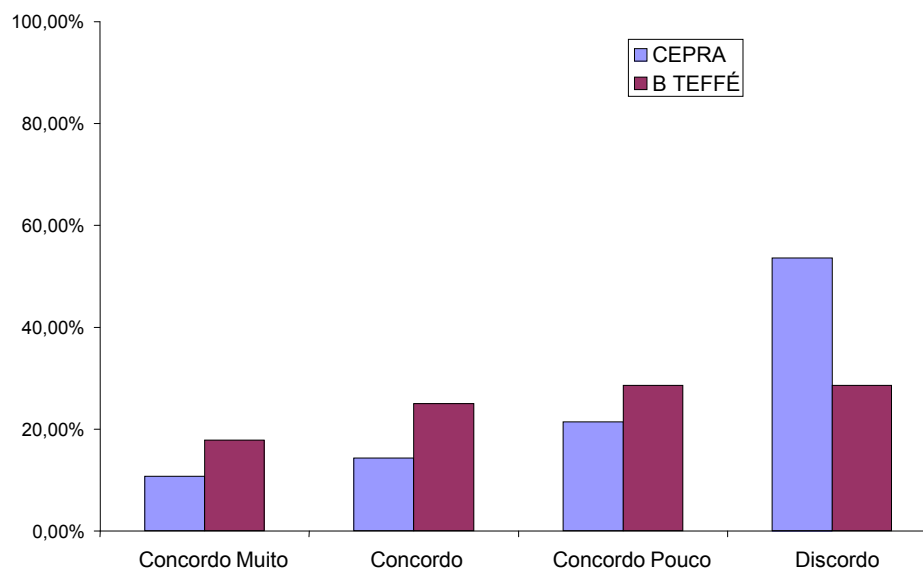


Figura 10 – Amostragem sobre a viabilidade de treinamento em educação física

Ao contrário do gráfico anterior, na figura 10 percebe-se que a maioria dos alunos discorda que os grandes jogadores já nascem prontos para jogar, mesmo assim o número de alunos de ambas as escolas é bastante significativo nos itens concordo muito e concordo (10,71% do CEPRA concordam muito e 14,28% concordam com a afirmativa, já no Barão de Teffé 17,85% concordam muito e 25% concordam).

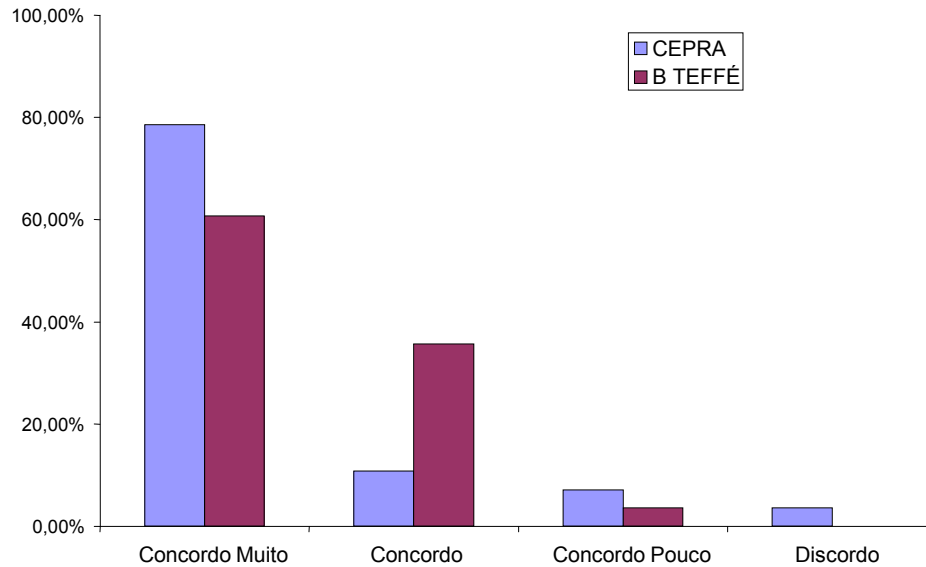


Figura 11 – Consequências do treinamento sobre habilidades técnicas e táticas

O resultado desta questão é expressivamente elevado, mostrando que na opinião dos alunos de ambas as escolas, os jogadores precisam sim de treinamento para melhorar suas habilidades técnicas e táticas (figura 11). Em contra partida, mesmo sendo um número pequeno houve alunos que discordaram da afirmativa.

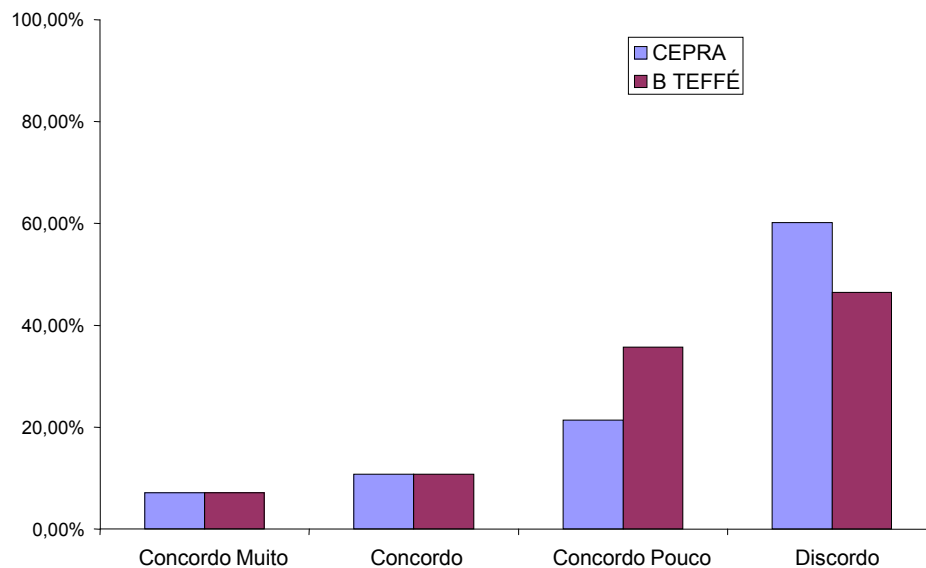


Figura 12 - Consequências do treinamento diferenciado no desenvolvimento das habilidades dos atletas

O resultado desta questão, expresso na figura 12, mostra que os alunos de ambas as escolas discordam que os grandes jogadores devam receber tratamento diferenciado. Em contra partida, os resultados são iguais nos itens concordo muito (7,14%) e concordam (10,71%) em ambas as escolas sendo um número pequeno, mas representativo.

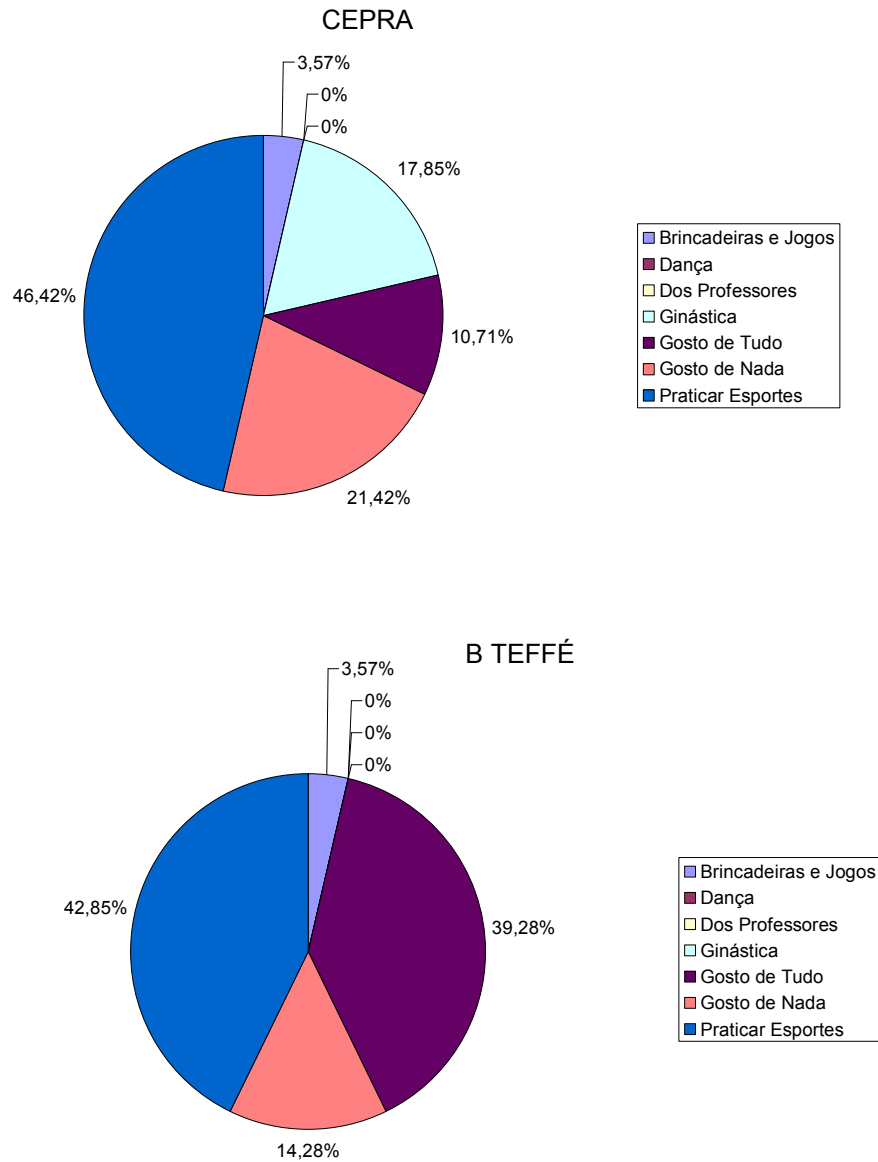
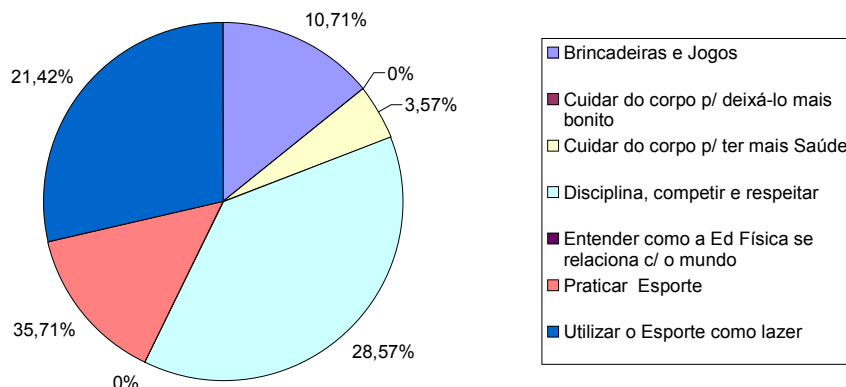


Figura 13 – Preferências entre as atividades desenvolvidas nas aulas de educação física

Como pode ser observado na figura 13, em relação à questão 14 do questionário, a maioria dos alunos gostam mais de praticar esportes nas aulas de Educação Física Escolar, sendo 46,42% dos respondentes estudantes da rede privada de ensino e 42,85% da escola pública. Pode-se observar também que o número de alunos que não gostam de nada também é representativo, sendo maior na escola privada (21,42%) em contra partida o número de alunos que gostam de tudo é maior na escola pública (39,28%). Há de se observar também que o número de alunos que gostam de ginástica na escola é de 17,85% na escola privada e nenhum aluno optou por essa alternativa na escola pública.

CEPRA



B TEFFÉ

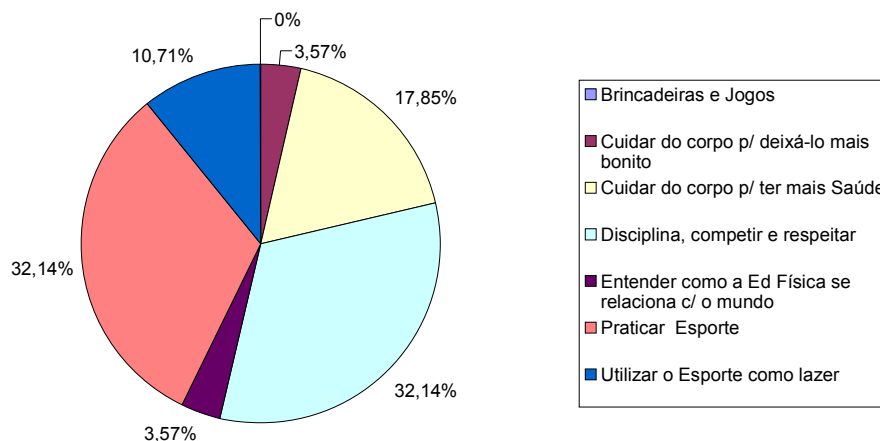


Figura 14 – Importância da prática de esporte na escola

Como pode ser observado na figura 14, as diferenças entre a opção praticar esportes em ambas as escolas não são acentuadas (35,71% e 32,14%). Sendo observado também que o número de alunos que optaram por disciplina, competir e respeitar é maior no Barão de Teffé (32,14%), ao contrário da opção utilizar o esporte como lazer que é maior no CEPRA (21,42%).

4. Discussão

No estudo de Lucero e Lovisolo (2006) encontrou-se uma semelhança muito grande e significativa em todos os itens da escala de opinião na questão sobre a Educação Física orientar os alunos para a prática de atividades físicas fora do ambiente escolar, fato que não foi observado no presente estudo mesmo com um número de alunos menor que no estudo de Lucero e Lovisolo (2006). Nesse estudo o nível de concordância foi de 51,6% para concordo muito da escola privada e 52,9% para a pública e no presente estudo o percentual foi de 14,28% para a privada e 10,71% para a pública, sendo a porcentagem significativa em concordo no presente estudo que é de 42,85% para a escola privada e 85,71% para a escola pública, resultado que foi de 28,7% para a privada e 30% para a pública no estudo.

Conforme o Coletivo de Autores (1992) a Educação Física tem também um sentido lúdico, buscando instigar a criatividade humana à adoção de uma postura produtiva e criadora da cultura, tanto no mundo do trabalho como no do lazer. Concordando com tal afirmativa Rangel *et al.* (2005) distingue dois aspectos interacionais na prática docente: aquele que se relaciona com os aspectos cognitivos ou intelectuais e o que se relaciona ao aspecto emocional e social; ambos se ligam e determinam como os alunos lidarão com os conhecimentos. Isso significa que além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamentos para se viver em sociedade. Rangel *et al.* (2005) destaca que na mediação dos conflitos de responsabilidade professor, a relação do professor-aluno deve contemplar o diálogo, pois o professor no papel de mediador deve provocar um ambiente de reflexão. Vale ressaltar que o sucesso e o insucesso desse processo dependem da interação professor-aluno em sua prática pedagógica.

Quanto à questão que trata do incentivo da Educação Física a prática permanente do exercício físico fora da escola, no presente estudo não há um distanciamento nas respostas obtidas, o que não difere do estudo de Lucero e Lovisolo (2006). Os resultados tanto do Barão de Teffê quanto do CEPRA não se distanciam um do outro quanto à concordância com essa afirmativa (28,57% e 35,71% concordam muito, e 32,42% e 46,42% concordam respectivamente). Porém ao analisar o nível de discordância dos alunos das duas escolas observa-se que 25% dos alunos do Barão de Teffê concordam pouco e 32,14% dos alunos do CEPRA discordam de tal afirmativa. Comparando com o estudo de Lucero e Lovisolo (2006) cujos resultados foram de 39,2 e 36,2% para a escola pública e privada respectivamente, nota-se que os resultados são semelhantes, divergindo-se nos itens de discordância onde o percentual no presente estudo é maior, sendo que no estudo dos autores (*op.cit.*) esses dados são de aproximadamente 14 e 18%. Talvez essa discordância dos alunos do CEPRA seja devido ao fato de alguns alunos escolherem não participarem das aulas de Educação Física assistindo-as como meros expectadores ou por apresentarem comprovações para não freqüentarem prejudicando parte de sua formação.

Corroborando com essa possibilidade, Rangel *et al.* (2005) lembra que mediante um atestado médico o aluno pode ser dispensado das aulas. No entanto, ele não precisa se ausentar das aulas de Educação Física, mas apenas da parte procedimental da mesma, pois essa não se constitui apenas de uma movimentação corporal, mas também são desenvolvidos os conteúdos segundo as dimensões conceituais e atitudinais.

Embora a lei diga que todos são iguais, existe no mundo atual uma diferença no tratamento das pessoas relacionado ao nível socioeconômico. Constatou-se no presente estudo que existem alguns alunos de ambas as escolas (10,71%) que concordam muito que os que se destacam recebem tratamento diferenciado durante as aulas de Educação de Física. Isso leva a crer que essa minoria seja a que não possui habilidades físicas para tal e que se sentem incapazes de realizar as atividades devido ao fato de perceberem esse tratamento diferenciado para os considerados “melhores” ou mais aptos. Esses resultados se igualam, o que diverge do estudo de Lucero e Lovisolo (2006) onde o maior percentual de respondentes se encontra na escola pública (28,3%) e na escola privada (13,6%). Em contrapartida, a maioria dos alunos de ambas as escolas discordam de tal afirmativa (64,28% no CEPRA e 53,57% no Barão de Teffê) fato que se assemelha em muito ao estudo de Lucero e Lovisolo (2006) (64,9% para a escola privada e 39,9% para a pública). Abrahão (2004) afirma que a Educação Física deve ser para todos e não somente para os ‘atletas’, os maiores ou mais fortes.

Em relação ao processo de avaliação observa-se que os alunos tanto da escola privada quanto da escola particular discordam que os critérios de avaliação são injustos (53,57% e 64,28%, respectivamente) ao passo que no estudo de Lucero e Lovisolo (2006) os resultados da escola pública são bastante divididos. Sendo que a maioria na escola privada (64,2%) discorda que a avaliação favorece os mais rápidos e os mais fortes. O Coletivo de Autores (1992) aborda que o processo de avaliação na Educação Física é mais do que simplesmente aplicar testes, selecionar e classificar alunos ao contrário do que antes acontecia.

No estudo de Lucero e Lovisolo (2006) verifica-se que 45,5% dos alunos da escola privada e 58,4% da pública se sentem muito motivados para as aulas enquanto que apenas 19,7% da privada e 7,5% da pública não se sentem motivados. A partir dos resultados apresentados no presente estudo, observou-se que os alunos do Barão de Teffê se sentem mais motivados para as aulas de Educação Física (46,42%) em relação aos do CEPRA (35,71%). Os resultados das escolas divergem do estudo de Lucero e Lovisolo (2006), pois esses se apresentaram elevados. Esse fato pode ser explicado devido ao fato das aulas no Barão de Teffê se realizarem fora do horário escolar permitindo aos alunos irem com roupas e sapatos adequados para essas aulas, enquanto que no CEPRA as aulas são realizadas nos últimos tempos de aula, com o próprio uniforme e em alguns casos, com sapatos e roupas inadequadas à prática de exercícios físicos. No entanto, cabe ressaltar que não houve uma aproximação com os alunos para verificar quais são suas realidades e seus

contextos. Mesmo que os alunos do Barão de Teffé vão mais dispostos e preparados para participar das aulas, é preciso considerar que os índices de frequência desses alunos tendem a diminuir, pois a maioria desses já trabalha no período inverso ao das aulas para ajudar nas despesas da família (RANGEL *et al.*, 2005).

O movimento humano é uma das formas mais fundamentais de interação social e esta proporciona uma intimidade que guarda os aspectos específicos de cooperação e competição. De acordo com Soler (2005) a competição é um processo de interação social, em que os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em oposição umas às outras, sendo beneficiados apenas alguns. Na questão: eu gosto das competições internas da escola, observa-se que 67,85% dos alunos Barão de Teffé e 50% dos alunos do CEPRA gostam dessas competições. No entanto os outros 50% dos alunos do CEPRA não gostam, observando-se assim, que há um distanciamento grande dos alunos que não gostam no Barão de Teffé (32,13%) e do estudo de Lucero e Lovisolo (2006), pois nestes os resultados são muito semelhantes.

Quanto à questão da participação dos alunos em Olimpíadas internas, os resultados demonstram que os alunos de ambas as escolas procuram participar dessas Olimpíadas (32,14% da escola pública e 35,71% da privada), considerando que o percentual dos que não gostam no CEPRA é igual aos que gostam. Entre os que não gostam, o percentual tem uma diferença significativa de 10% entre uma escola e outra. Comparando com Lucero e Lovisolo (2006), observa-se que os resultados das escolas não se distanciam. No entanto, cabe ressaltar que a maioria dos alunos concorda em participais das Olimpíadas.

A competição está presente em vários ambientes e em vários momentos da vida. Conforme os resultados apresentados, 60,71% dos alunos das duas escolas consideram importantíssima a participação da escola em competições externas. O mesmo fato foi observado no estudo de Lucero e Lovisolo (2006) (70,3% para ambas as escolas). Cabe ressaltar que um dos eventos mais esperados pelos alunos de todas as escolas do município de Santo Antônio de Pádua, é a realização do JESAP – Jogos Estudantis de Santo Antônio de Pádua, onde várias modalidades são disputadas em diferentes faixas etárias. Mesmo assim há uma minoria que não concorda (3,57% em ambas as escolas) e um número relativamente expressivo no CEPRA, 17,85% e no 7,14% do Barão de Teffé que concordam pouco. Como o JESAP é a competição mais importante e a única realizada pelo município, existe uma grande rivalidade, fazendo com que as aulas sejam voltadas para o treino das modalidades esportivas incorporadas a esses Jogos.

Embora tenha sido condicionado à sociedade, que a competição é o melhor caminho para a educação, de acordo com Soler (2003), a competição em suas formas extremas torna a todos perdedores diminuindo a autoestima e aumentando o medo de falhar reduzindo a expressão das capacidades pessoais e o desenvolvimento da criança, aumentando também a frustração e podendo desencadear comportamentos agressivos favorecendo a comparação entre as pessoas e a exclusão baseada em poucos critérios. O PCN (1998) alerta para esta questão: com o Decreto Lei nº 2574, de 29 de abril de 1998, chama a atenção para o fato de que o esporte “praticado nos sistemas de ensino e em outras formas assistemáticas de educação” deve evitar a “seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a pratica de lazer”.

Correia (2006) afirma que a maioria dos professores de Educação Física tem experiências variadas com os jogos competitivos e até hoje grande parte dos programas de Educação Física e de jogos praticados nas escolas pouco ou quase nada oferece como alternativa dos jogos competitivos, outras perspectivas como, por exemplo, os jogos cooperativos. Corroborando com essa afirmativa Abrahão (2004) diz que a ênfase é dada ao ensino de jogos esportivos, em que as habilidades técnicas são o centro dos conteúdos desenvolvidos, além de ser comum que a comunicação verbal do professor se restrinja à simples indicações e orientações técnicas por parte do professor. Se o professor não fizer uma leitura crítica dos conteúdos a serem ministrados e a metodologia a ser utilizada, poderá ministrar a mesma aula tecnicista que recebeu, reproduzindo movimentos técnicos, acentuando o rendimento favorecendo a não participação dos alunos menos habilidosos.

Em Coletivo de Autores (1992) há uma crítica à maneira que o esporte foi utilizado na Educação Física escolar, destacando-se que a influência do esporte no Sistema Escolar é tão grande que passa a ter, não o esporte da escola, mas sim, o esporte na escola. Os autores questionam a forma que o esporte é trabalhado nas aulas, pois o que acontece é uma imersão das regras e normas do esporte realizado em ambientes competitivos na Educação Física, ficando caracterizado o princípio de rendimento, identificação de talentos, de resultados e outros. O professor acaba por deixar de ser professor para ser um treinador e os alunos passam a ser atletas.

Kunz (1994) reforça a crítica da utilização do esporte com característica de rendimento no contexto escolar, pois o esporte desta forma tem-se como consequência um pequeno grupo de alunos que vivenciarão

o sucesso e a grande maioria ficará de frente com o fracasso. Kunz (1994) defende o uso do esporte como conteúdo nas aulas, pois é uma manifestação de várias e diferentes culturas, porém aponta para a necessidade de uma transformação didático-pedagógica do esporte.

Quando se trata das equipes esportivas vencerem as competições constata-se que 92,85% dos alunos da escola pública se sentem vitoriosos junto com as equipes, enquanto que o percentual da escola privada se restringe a apenas 58,57%. Já no estudo de Lucero e Lovisolo (2006) esse percentual é de 72% na escola privada e de 79,2% para a pública. Tendo em vista que 46,42% dos alunos do CEPRA discordam dessa afirmação não havendo nenhum aluno do Barão de Teffê que discordasse dessa e apenas 7,14% do B. Teffê concordam pouco. A escola pública tem um número maior de alunos matriculados em relação à escola privada e esse fato leva a uma maior participação desses alunos nos jogos, pois são mais equipes inscritas por modalidades e faixa etária. No entanto, cabe ressaltar que o esporte em si não é bom nem ruim, pois o uso que se faz dele que acarretará na ênfase de ser um fim em si mesmo ou um meio educativo (SILVA *et al.*, 2007).

Segundo Abrahão (2004), a atividade esportiva pode gerar comportamentos e desenvolver aprendizagens que contribuam com o crescimento pessoal e social do indivíduo. Em situação inversa, também pode desencadear atitudes inadequadas ou prejudiciais ao próprio sujeito e ao seu contexto de vivência. Barroso e Darido (2006) não sinalizam a retirada do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, mas defendem um novo tratamento para este esporte, assim como destaca Betti (1999), de modo que os alunos possam compreender as suas origens, evoluções, possibilidades de utilização, partindo da necessidade de uma reflexão deste fenômeno não se restringindo apenas ao saber fazer. Soler (2005) enfatiza que há uma grande onda a favor do esporte na escola formando atletas e que deve haver sim o esporte da escola e não o esporte rendimento.

A maioria dos alunos do CEPRA (53,57%) discorda que os grandes jogadores já nascem prontos para jogar e no Barão de Teffê as opiniões são bem divididas. Ao comparar os resultados do presente estudo com o de Lucero e Lovisolo (2006), verifica-se que os resultados são semelhantes. De acordo com Lucero e Lovisolo (2006), a sociedade está sempre fabricando ídolos esportivos, principalmente, com o apoio e influência da mídia.

Conforme apresentado nos resultados, na questão da necessidade dos grandes jogadores treinarem para melhorar suas habilidades técnicas e táticas, a maioria dos alunos concordam que esses realmente precisam de treinamento (78,14% no CEPRA e 60,71% no Barão de Teffê) embora haja uma minoria das duas escolas que discordam dessa questão. Esses resultados vão de encontro ao estudo de Lucero e Lovisolo (2006), pois na escola pública o percentual é de 74,4% e escola privada é de 76,3% para os que concordam e para os que discordam dessa afirmativa, esse percentual é de 6,1% para a privada e 4,4% para a pública. Kunz (1994), afirma que o esporte na escola constitui-se em uma cópia exata do esporte rendimento, contribuindo para a seletividade no processo pedagógico, e conseqüentemente incentivando vivências de sucesso para alguns e o fracasso ou vivência de insucesso para a maioria. No entanto, não apresenta argumentos para as suas afirmações que se apliquem a qualquer desempenho entre outros, e que também diferenciam os bem sucedidos e os mal sucedidos.

A maioria dos alunos de ambas as escolas discordam que os grandes jogadores devem receber tratamento diferenciado por parte de técnicos e dirigentes esportivos. O que mais chama a atenção é que o percentual da escola privada é maior (60,17%) que na escola pública (46,42%). Esses resultados quando comparados com o estudo de Lucero e Lovisolo (2006) demonstram uma grande semelhança (65,2% para a escola privada e 47,8% para a pública). O espaço escolar é um campo de intervenção educacional intencional. Dentro desta perspectiva, de acordo com Rangel *et al.* (2005), a aula de Educação Física na escola não é um lugar para treinar o aluno para o rendimento pelo rendimento, mas ensiná-lo de forma significativa e prazerosa, com diálogo e discussão, propostos pela mediação intencional do professor. Assim, ensinar e discutir sobre valores e comportamentos, possibilita o desenvolvimento de uma sensibilidade que favorece a percepção de sentimentos próprios e do outro, favorecendo a colaboração, de modo que o outro possa ser visto como um amigo em potencial e não mais como o temível adversário. As aulas de Educação Física em sua maioria, compõem-se de atividades exclusivamente competitivas, valendo-se de jogos previamente organizados, com regras rígidas e que privilegiam o resultado final, em detrimento do processo, da brincadeira e da diversão. Diante deste tipo de experiência, a criança aprende a importância do ganhar.

Um grande percentual de alunos em ambas as escolas optaram pela alternativa “Praticar Esportes” entre o que mais gostam na aulas de Educação Física (46,42% e 42,85%) sendo observando-se o mesmo no estudo de Lucero e Lovisolo (2006).

Conforme Both e Christofolletti (2001), o problema na escola, é o modo que o esporte é praticado. É necessário separar o momento da aula de Educação Física do treinamento esportivo, para que a aula não perca seu objetivo e sua função pedagógica, tornando-se uma prática formativa que valorize o indivíduo em todas as suas dimensões. Barroso e Darido (2006) evidenciam que o esporte é um fator integrante da nossa sociedade e desde que foi inserido na escola exerce influência na Educação Física escolar, sendo inúmeras vezes o único conteúdo ministrado nesta disciplina. Os autores não compartilham a ideia de que o esporte contemple todas as necessidades da Educação Física escolar, como também discordam do esporte ser trabalhado com o objetivo nele mesmo.

Observou-se que o que os alunos mais aprendem durante as aulas é Praticar Esportes e Disciplina, Competir e Respeitar (32,14% para ambas as alternativas) existindo uma divisão entre Praticar Esportes, Cuidar do corpo para ter mais saúde e Disciplina, Competir e Respeitar no estudo de Lucero e Lovisolo (2006). No CEPRA a maioria (28,57%) optou pela alternativa Disciplina, Competir e Respeitar e Utilizar o esporte como lazer o que não difere muito do estudo de Lucero e Lovisolo (2006).

Bracht e González (2005) afirmam que o objetivo da Educação Física escolar é formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente no mundo da cultura corporal de movimento. Assim, corroborando com essa afirmativa, Both e Christofolletti (2001) ressalta que a busca do esporte na aula de Educação Física, por se tratar de educação, não deveria ser a busca do atleta, mas a busca do conhecimento do corpo e de suas possibilidades de movimento, relacionado ao esporte e o próprio saber sobre outros componentes da cultura corporal.

5. Conclusão

Conclui-se a partir do presente estudo que, o esporte deve estar presente na escola principalmente na disciplina Educação Física, pois é conhecimento desta área, porém deve ser observado que a função da escola é a de formar cidadãos capazes de pensar criticamente e conscientemente e não de formar atletas capazes de conquistar títulos e troféus para a escola levando-se em conta também que o esporte é um meio para a formação dos alunos para a cidadania.

6. Referências

- ABRAHÃO, S. R. *A relevância dos jogos cooperativos na formação dos professores de educação física: uma possibilidade de mudança paradigmática*. [Tese de Mestrado - Mestrado em Educação] Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- BARARTA, K., M., A.; SILVA, S. A. P. S.; BROTTTO, F. O. O programa de jogos cooperativos no CEPEUSP: uma avaliação. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 4, n. 13, p. s/p, 1999.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, Educação Física e esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? *Revista Motriz*, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- BOTH, J.; CHRISTOFOLETTI, J. F. Educação Física escolar e esporte: um ponto de vista. *Caderno de Educação Física*, v. 3, n. 2, p. 127-135.
- BRANDL NETO, I.; ALVES, C. M. M.; ALVES, K. Jogos competitivos e cooperativos: um estudo nas escolas municipais de Cascavel/PR. *Caderno de Educação Física*, v. 7, n. 12, p. 33-40, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005.

CIRIACO, A. B. C.; ROCHA, C. M.; GARCIA, A. B. Da competição à cooperação: o voleibol como instrumento para o resgate de valores na sociedade. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 13, n. 119, p. s/p, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 12, n. 107, p. s/p, 2007.

DARIDO, S. C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GRUPE, O. Esporte e Jogo: parte da cultura de lazer. In: DIECKERT, J. (org.). *Esporte de lazer: tarefa e chance para todos*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEITE, W. S. S. Ilusão em massa: o papel da mídia no esporte. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v.13, n.123, p. s/p, 2008.

LUCERO, F.; LOVISOLO, H. Educação Física escolar: esporte, competição e talento. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 10, n. 92, p. s/p, 2006.

MARTINI, R. G. *Jogos cooperativos na escola: a concepção de professores de Educação Física*. [Tese de Mestrado – Mestrado em psicologia da Educação] São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2005.

MOURÃO, M. S. Esporte para todos na escola? De que forma? *Revista Pátio*, v. 8, n. 13, p. 54-57, 2004.

OLIVEIRA, V. M. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RANGEL, I. C. A.; SANCHES NETO, L.; DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z. O ensino reflexivo como perspectiva metodológica. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 105-111, 2005.

SOLER, R. *Jogos cooperativos*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

_____. *Educação Física inclusiva na escola: em busca de uma escola plural*. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SILVA, D. B.; RANGEL, I. C. A.; SOUZA NETO, S. Esporte: considerações a respeito de sua utilização como meio educativo. A visão docente. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 11, n. 105, p. s/p, 2007.